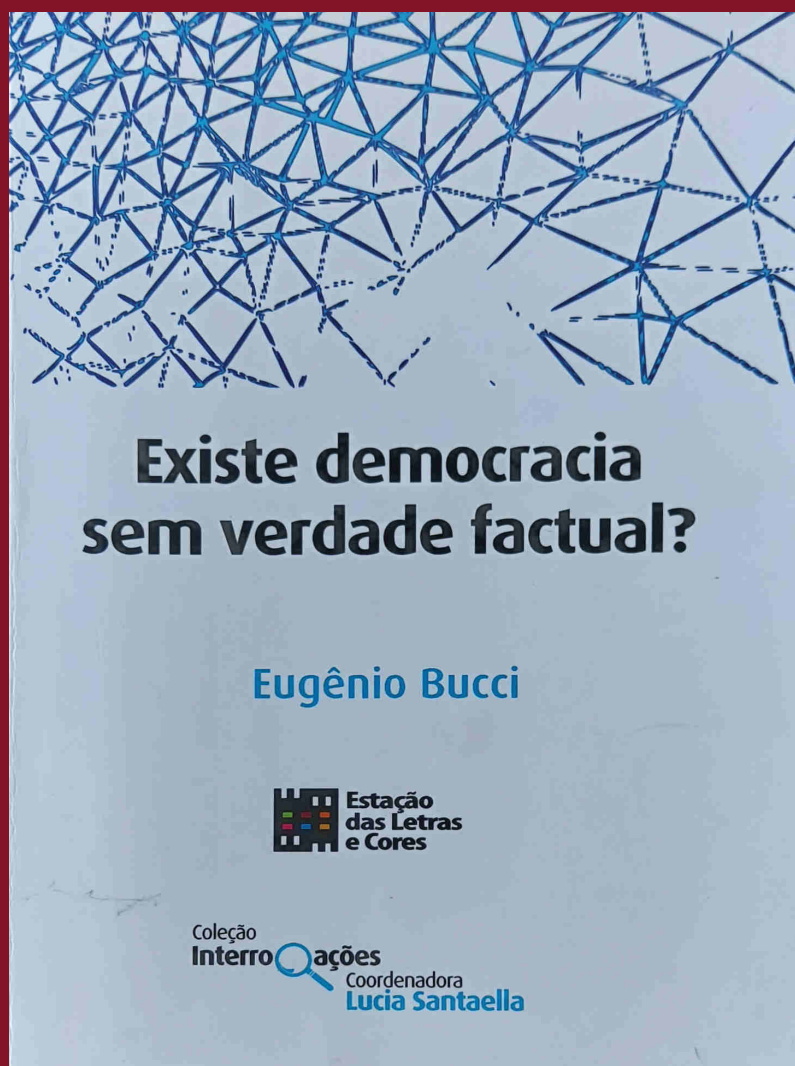


[QUANDO A NOÇÃO DE VERDADE SOME, O QUE RESTA?]

_VANESSA NEME SPIRANDEO

SOBRE A AUTORA>

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.



Resenha de:

BUCCI, Eugenio. *Existe democracia sem verdade factual?*

Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
135 p.

A verdade sumiu. Você abre as redes sociais, e encontra informações contraditórias, opiniões inflamadas, falta de diálogo. Se há compartilhamento de notícias, são recortes deslocados, muitas vezes apenas títulos de matérias, sem fonte. É missão quase impossível saber em que acreditar. Onde estão os fatos e a conversa? Tudo vira polarização.

Os efeitos nocivos se sentem além de discussões em reuniões familiares ou em grupos de WhatsApp. Notícias fraudulentas e meias verdades impactam toda a sociedade, chegam aos jornais, abalam eleições. Este é o cenário que Eugênio Bucci analisa em seu livro *Existe democracia sem verdade factual?*, no qual discute justamente o “sumiço” da verdade.

O autor, professor e jornalista, que nasceu em Orlandia, interior de São Paulo, já integrou o corpo docente da Faculdade Cásper Líbero, recebeu prêmios, publicou diversos artigos e livros, passou pelo comando da antiga Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) e, atualmente, leciona na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), instituição pela qual é doutor em Ciências da Comunicação.

O novo livro integra a Coleção Interrogações – da Editora Estação das Letras e Cores –, coordenada pela profa. Dra. Lucia Santaella e que já conta com diversos autores. Até 2019, oito obras sobre pós-verdade, jornalismo, inteligência artificial e condição humana haviam sido publicados sob sua rubrica.

Eugênio Bucci traz à baila a discussão sobre o que é verdade, sua construção por meio fatos e as consequências graves de sua ausência. A busca pela verdade factual é apontada como possível solução ou, ao menos, um norte a seguir nesse cenário intrincado, reforçado pela presença cotidiana quase mandatória da tecnologia.

Um esclarecimento se faz necessário desde já: o livro de Bucci não tem a intenção de demonizar a tecnologia, mas a de questionar seu uso, tendo em vista a opacidade das empresas de plataformas que distribuem conteúdo e absorção deste pelos usuários, sem questionamento. Basta estar on-line para parecer “verdade”.

Numa observação preliminar, Bucci (2019, p. 17) lembra que o jornal bolchevique, na Rússia revolucionária de 1917, tinha o nome de *Pravda*, palavra russa que quer dizer “verdade”. Tal nome trazia consigo a ideia de que o jornalismo, só por ser jornalismo, representava a verdade. Essa presunção de achar que o jornalismo se trata da única leitura dos fatos “deu naquilo lá”: a Rússia pós-1917 viu uma sucessão de guerras, violência e o período stalinista ser pautado por censura, mas ainda acompanhado pelo *Pravda* como seu principal veículo. A lição de que não existe “uma única verdade” já deveria ter sido aprendida.

Para caminhar com ele pela narrativa, o autor convida Hannah Arendt, e abre o livro (BUCCI, 2019, p. 7) com uma citação da filósofa: “Como os factos e os acontecimentos – que são sempre engendrados pelos homens vivendo e agindo em conjunto constituem a própria textura do domínio político, é, naturalmente, a verdade de facto que nos interessa mais aqui”. O trecho é de *Verdade e política* (1967), em que Arendt desenvolve o conceito de verdade factual, sugerida por Bucci como saída para anular os efeitos nocivos da desinformação no debate público e, por consequência, na democracia.

Posto que “a verdade” única e absoluta não existe, a verdade factual é uma noção importante, pois, de acordo com Arendt e Bucci, constitui naquilo que se retira da verificação honesta dos fatos que estão à mão, com o relato mais fidedigno possível, restrito aos acontecimentos. É inegável como um “buraco no meio da rua”, explica Arendt (apud BUCCI, 2019, p. 85).

Quando se olha ao redor, não é difícil entender o quanto a busca pela verdade factual está ausente. Em vez de se buscar os fatos, o que ocorre é uma experiência de segunda mão via tecnologia, confiando no que cada plataforma elenca como conteúdo de relevância.

José van Dijck, Thomas Poell e Martijn de Waal (2018) destacam que as plataformas reúnem grande quantidade de dados sobre comportamentos e preferências dos usuários. Esses dados são usados por algoritmos, que modulam a experiência de cada usuário durante a navegação. O usuário, por sua vez, alheio a isso, acredita que o conteúdo oferecido é igual para todos, e o aceita como a tal da “verdade”. Bucci (2019, p. 71) argumenta que esse contexto, em que os usuários não entendem como as plataformas funcionam e, ao mesmo tempo, nelas consomem informação acriteriosamente, cria o cenário ideal para o espalhamento de notícias fraudulentas e ainda gera duas possibilidades de interdição dos fatos: “apagões de real” e “suicídio de consciência”.

Apagões de real acontecem quando se tomam os dados fornecidos como fatos. Dados são apenas uma das representações possíveis dos fatos. Um banco de dados não contém verdades. Van Dijck, Poell e Waal (2018) inclusive alertam que um banco de dados forjado por programações humanas terá inerentemente ideologias invisíveis que servem a interesses privados desconhecidos. O questionamento que Bucci (2019, p. 77) usa para ilustrar o conceito deixa isso claro e, aliás, é assustadoramente real: “A extensão de uma epidemia pode ser conferida se as estatísticas da saúde pública não são transparentes?”

Já o suicídio da consciência ocorre quando alguém se depara com um fato de que discorda. Tal fato é rechaçado, ridicularizado. Basta discordar e, pronto, é mentira. Como as plataformas (leia-se: Google, Instagram, Twitter, entre outras), de acordo com dados de uso, levam a seus usuários apenas ao que acreditam que esteja em conformidade com suas crenças, evitando atritos, a maioria acaba achando que, de fato, o mundo é idêntico às suas opiniões. Em massa, todos se afastam da capacidade de conviver com o estranhamento. Como lembra Marcelo Santos (2016, p. 118),

cada um acredita que escolhe o que ver e quando ver; quando o show é montado e desmontado por algoritmos. Ao invés de navegar, fica-se, pois, docilmente submerso nas mídias sociais privadas, sem se questionar a sua opacidade comunicativa: as empresas digitais sabem tudo sobre nós, quando nós pouco ou nada sabemos sobre elas e o destino dado às informações coletadas das nossas vidas.

Neste panorama, só vale como “verdade” aquilo que vai ao encontro da opinião que mais agrada. Embora Bucci dialogue diretamente com as ideias de Arendt contidas em *Verdade e política*, a própria autora apresenta o problema democrático da falta da busca pela verdade dos fatos em outra obra, *A condição humana* (ARENDR, 1969).

2007). Ali, sinaliza que a política só acontece na diferença, e que é no reconhecimento dessa diferença, não no consenso, que a democracia existe. Logo, a resposta à pergunta que dá título ao livro de Bucci fica ainda mais óbvia.

Um problema complexo? Sim. Talvez seja por isso que Bucci recorra à relativa simplicidade da verdade factual como resposta. Seu livro ajuda a pensar de forma crítica sobre aspectos que parecem simples. Há democracia sem verdade factual? O autor deixa claro que não, com uma análise excelente que, de defeito, tem apenas o fato de ser curta. Você duvida? Leia o livro. Concorda? Leia também. Vale cada linha.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

SANTOS, Marcelo. A doxa da atividade na internet revelada como interpassividade: notas sobre duas mitologias contemporâneas. In: FORTANARI, Rodrigo; SANTOS, Marcelo (Orgs.). *Roland Barthes: filósofo da comunicação*. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 109-122.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Matijn. *The platform society*. Oxford: Oxford University Press, 2018